

## Santos Arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael

Anjo, *mal'ak* em hebraico do Antigo Testamento ou *angelos* em grego do Novo Testamento, é nome de função: "mensageiro".

A Sagrada Escritura apresenta apenas três nomes de anjos: Miguel (= Quem como Deus?), Gabriel (= Herói de Deus) e Rafael (= Deus cura). De outros – *miríades de miríades e milhares de milhares* – intuímos efeitos e recolhemos influxos benéficos, mas desconhecemos os nomes e compreendemos, pela Bíblia e outros testemunhos, a sua acção misteriosa.

Quando falamos de Anjos, não nos referimos a uma abstracção, a fenómenos acidentais da natureza (ou “*ovni's*”), nem a motivos decorativos barrocos, típicos de arte efémera.

**O Catecismo da Igreja Católica fala-nos da existência de Anjos, como verdade da Fé.** Isto é, de seres espirituais, não-corporais, confirmados pela Sagrada Escritura e pela unânime Tradição cristã. Com efeito, na Profissão da Fé, os cristãos afirmam: *Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra, de todas as coisas, visíveis e invisíveis.* E com isto se estabelece tudo o que Deus criou. Isto é, tudo quanto existe e é perceptível aos nossos sentidos, quer conheçamos já, quer ainda não, e ainda o que não conhecemos pelos sentidos, mas tem existência própria, numa esfera espiritual.

Como afirma o IV Concílio de Latrão: Deus «*desde o princípio, criou do nada uma e outra criatura, a espiritual e a corporal, a saber, os anjos e o mundo terrestre. Depois criou a criatura humana que participa das duas primeiras, composta de espírito e corpo*».

Anjo não é nome de natureza, mas de função. No que se refere à natureza é espírito, no que atine à função, Anjo. O seu ser, porque contempla o rosto de Deus<sup>1</sup>, atento às suas palavras, é inteiramente dedicado á execução das suas ordens<sup>2</sup>. E enquanto criaturas puramente espirituais, são dotados de inteligência e de vontade, criaturas pessoais e imortais, ultrapassam todas as outras criaturas, em perfeição e esplendor.

**Cristo é o centro do mundo angélico** (dos anjos). Pertencem-Lhe (são d'Ele). Criados por Ele e para Ele – em vista d'Ele foram criados todos os seres que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, anjos que são tronos, senhorias, principados e dominações. Pertencem-Lhe porque fez deles mensageiros do seu plano salvador<sup>3</sup>. Desde a criação que anunciam a salvação, ao longe e ao perto, servindo o plano divino e a sua realização: fecham o paraíso terrestre, protegem Lot, salvam Agar e seu filho, detêm a mão de Abraão sobre Isac, ministram a Lei, conduzem o Povo de Deus, anunciam nascimentos e vocações, assistem os profetas, apresentam o Precursor e o Salvador, exaltam o nascimento do Messias e afirmam-no, protegem-no na sua infância e em toda a sua vida, servindo-o e adorando-o, amparam-no no deserto e confortam-no na agonia e proclamam a sua ressurreição e ascensão, e virão na sua manifestação gloriosa e estarão presentes no Juízo final (Catecismo da Igreja católica, nº 325-333).

### Os anjos na vida da Igreja

<sup>1</sup> Guardai-vos de menosprezar um só destes pequenos, porque eu vos digo que seus anjos no céu contemplam sem cessar a face de meu Pai que está nos céus (Mt 18, 10).

<sup>2</sup> Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valentes heróis que cumpris suas ordens, sempre dóceis à sua palavra (Sl 102, 20).

<sup>3</sup> «Não são eles todos espíritos ao serviço de Deus, enviados a fim de exercerem um ministério a favor daqueles que hão-de herdar a salvação?» (He 1,14).



Na sua Liturgia, a Igreja associa-se aos Anjos para adorar Deus, três vezes santo (*Sanctus*)<sup>4</sup>; invoca a sua assistência (*Supplices te rogamus... jube haec perferri per manus sancti angeli tui in sublime altare tuum... do cânon Romano*)<sup>5</sup> ou *In paradisum deducant te Angeli...*<sup>6</sup>, nas missas de defuntos, e festeja de modo particular a memória de certos anjos (S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael e os anjos da guarda)

Desde a infância até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência e intercessão. A Igreja beneficia da misteriosa e poderosa ajuda dos Anjos (Catecismo da Igreja católica, nº 334-336).<sup>7</sup>

O Arcanjo S. Miguel apresenta-se como o Príncipe das milícias celestes, defensor da glória do Senhor e do seu Povo. É mencionado ou referido três vezes no Antigo Testamento e duas vezes no Novo<sup>8</sup>.

Miguel defende o próprio Deus e a sua honra, combate e vence Satan<sup>9</sup> e os seus anjos (os demónios). Daí a inscrição no seu estandarte do Arcanjo: (*Quis ut Deus*). Tais indicações da

---

<sup>4</sup> «Por isso, com os Anjos e os Arcanjos e todos os coros celestes, proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz: Santo...»

<sup>5</sup> Nós te pedimos e suplicamos... que esta nossa oferenda seja apresentada pelo vosso santo Anjo no vosso altar celeste...

<sup>6</sup> Levem-te os Anjos ao Paraíso...

<sup>7</sup> «Deitaram as mãos aos apóstolos e meteram-nos na cadeia pública. Mas um anjo do Senhor abriu de noite as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, disse-lhes: Ide e apresentai-vos no templo e pregai ao povo as palavras desta vida» (Ac 5, 18-20).

«Um anjo do Senhor dirigiu-se a Filipe e disse: Levanta-te e vai para o sul, em direcção do caminho que desce de Jerusalém a Gaza, a Deserta. Filipe levantou-se e partiu. Ora, um etíope, eunuco, ministro da rainha Candace, da Etiópia, e superintendente de todos os seus tesouros, tinha ido a Jerusalém para adorar. Regressava, sentado em seu carro, lendo o profeta Isaías. O Espírito disse a Filipe: Aproxima-te para bem perto deste carro» (Ac 8, 26-29).

«Este homem viu claramente numa visão, pela hora nona do dia, aproximar-se dele um anjo de Deus e o chamar: Cornélio! Cornélio fixou nele os olhos e, possuído de temor, perguntou: Que há, Senhor? O anjo replicou: As tuas orações e as tuas esmolas subiram à presença de Deus como uma oferta de lembrança. Agora envia homens a Jope e faze vir aqui um certo Simão, que tem por sobrenome Pedro. Ele se acha hospedado em casa de Simão, um curtidor, cuja casa fica junto ao mar. Quando se retirou o anjo que lhe falara, chamou dois dos seus criados e um soldado temente ao Senhor, daqueles que estavam às suas ordens». (Ac 10, 3-8)

«Ora, quando Herodes estava para o apresentar, naquela mesma noite dormia Pedro entre dois soldados, ligado com duas cadeias. Os guardas, à porta, vigiavam o cárcere. De repente, apresentou-se um anjo do Senhor, e uma luz brilhou no recinto. Tocando no lado de Pedro, o anjo despertou-o: Levanta-te depressa, disse ele. Caíram-lhe as cadeias das mãos. O anjo ordenou: Cinge-te e calça as tuas sandálias. Ele assim o fez. O anjo acrescentou: Cobre-te com a tua capa e segue-me. Pedro saiu e seguiu-o, sem saber se era real o que se fazia por meio do anjo. Julgava estar sonhando. Passaram o primeiro e o segundo posto da guarda. Chegaram ao portão de ferro, que dá para a cidade, o qual se lhes abriu por si mesmo. Saíram e tomaram, juntos, uma rua. Em seguida, de súbito, o anjo desapareceu. Então Pedro tornou a si e disse: Agora vejo que o Senhor mandou verdadeiramente o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que esperava o povo dos judeus» (Ac 12, 6-11).

«Esta noite apareceu-me um anjo de Deus, a quem pertenco e a quem sirvo, o qual me disse: Não temas, Paulo. É necessário que comparesças diante de César. Deus deu-te todos os que navegam contigo. Por isso, amigos, coragem! Eu confio em Deus que há-de acontecer como me foi dito» (Ac 27, 23-25).

<sup>8</sup> No Livro de Josué: «Josué encontrava-se nas proximidades de Jericó. Levantando os olhos, viu diante de si um homem de pé, com uma espada desembainhada na mão. Josué foi contra ele: És dos nossos, disse ele, ou dos nossos inimigos? Ele respondeu: Não; venho como chefe do exército do Senhor» (5, 13-14).

No Livro de Daniel: «O chefe do reino persa resistiu-me durante vinte e um dias; porém Miguel, um dos principais chefes, veio em meu socorro. Permaneci assim ao lado dos reis da Pérsia... Contra esses adversários não há ninguém que me defenda a não ser Miguel, vosso chefe» (10, 13. 22);

«Naquele tempo, surgirá Miguel, o grande chefe, o protector dos filhos do seu povo... Então, entre os filhos de teu povo, serão salvos todos aqueles que se acharem inscritos no livro» (12, 1).

Na Epístola de S. Judas: «Ora, quando o arcanjo Miguel discutia com o demónio e lhe disputava o corpo de Moisés, não ousou fulminar contra ele uma sentença de execração, mas disse somente: Que o próprio Senhor te repreenda!» (v. 9)

No Apocalipse: «Houve uma batalha no céu. Miguel e seus anjos tiveram de combater o Dragão. O Dragão e seus anjos travaram combate, mas não prevaleceram. E já não houve lugar no céu para eles» (12, 7-8). S. Miguel é o Anjo do Povo de Deus, o seu Defensor no tempo da angústia

<sup>9</sup> Eras um querubim protector colocado sobre a montanha santa de Deus; passeavas entre as pedras de fogo. Foste irrepreensível em teu proceder desde o dia em que foste criado, até que a iniquidade apareceu em ti. No

sagrada Escritura despertaram e alimentaram a imaginação popular e artística, plasmada nas representações iconográficas como combatente e defensor. Guido Reni (1635) divulgou-as, apresentando S. Miguel calcando o diabo e acorrentando-o. Foi sobretudo a partir da curta descrição do Apocalipse que se desenvolveu a iconografia e devoção popular ao Arcanjo que combate por Deus.

O culto deste Arcanjo é muito antigo no Oriente. Através da colonização grega e da influência bizantina, passou para Itália, onde é venerado desde o século V, no célebre Santuário do monte Gargano, no Sul da Itália. A gruta onde se deu a aparição do Arcanjo a um grupo de pastores, no dia 8 de Maio<sup>10</sup> de 495, foi transformada em igreja. É um dos mais antigos santuários de S. Miguel, juntamente com a célebre abadia do Mont Saint-Michel, na Normandia, fundada em 709, que se tornou lugar de peregrinação. A festa a S. Miguel – a que a última reforma litúrgica associou S. Gabriel e S. Rafael – é, desde o século V, a 29 de Setembro, data em que o papa S. Leão, Magno dedicou a *Chiesa di San Michele*, em Roma.

Em Portugal, de norte a sul e também nos territórios insulares, é constante a toponímia de S. Miguel Arcanjo, para não falar da onomástica. Miguel é um nome que nunca passou de moda. O topo mais saliente da toponímia portuguesa é a ilha de São Miguel, nos Açores, assim chamada porque o seu povoamento se iniciou nesse dia, no ano de 1444. A assinalar o patrono está aí a grande estátua do Arcanjo, de Numídico Bessone (1913-1985).

Na diocese do Porto, é o patrono de 30 Paróquias.

Em tempos difíceis e de muita confusão, de apostasia e de perseguição dos cristãos, apontada como terrível e ardilosa acção de Satan, a Liturgia e a religiosidade popular, invoca o santo (arcanjo) patrono. Baudelaire (1821-67), num poema, afirma que a maior astúcia do Diabo é persuadir-nos de que não existe: *“La plus belle ruse du Diable est de nous persuader qu’il n’existe pas”*. O Papa Leão XIII<sup>11</sup> mandou rezar, no fim da “missas privadas”, a prece a S. Miguel Arcanjo, príncipe das milícias celestes, para nos proteger no combate contra Satanás e outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para perder as almas (preces leoninas). Esta prática esteve em vigor durante 80 anos (até à reforma do II Concílio do Vaticano).

Os coros dos anjos são invocados na Missa e Ofício de Defuntos: *In paradisum deducam te Angeli<sup>12</sup>... et perducam te in civitatem sanctam. Chorus angelorum te suscipiat...* E, particularmente, S. Miguel, como chefe e porta-estandarte da milícia celeste: *sed signifer sanctus Michael repræsentet eas in lucem sanctam<sup>13</sup>*.

Como o fizera Pio XII, em Itália (1949), S. Miguel foi declarado, por Paulo VI (23.4.1976), padroeiro principal dos Agentes de Segurança Pública em toda a Nação Portuguesa - cf. *Cruzada*, Julho 1978, Supl., p. 11.

Os Anjos escapam à nossa percepção ordinária e constituem um mundo misterioso. Nunca a sua existência foi um problema para a Bíblia. Contudo, apesar disso, o que é dito apresenta um desenvolvimento típico e o modo como se diz e se representam supõe um constante recurso a fontes do simbolismo religioso. Retomando o traço corrente nas

---

desenvolvimento do teu comércio, encheram-se as tuas entranhas de violência e pecado; por isso eu te bani da montanha de Deus, e te fiz perecer, ó querubim protector, em meio às pedras de fogo. Teu coração se inflou de orgulho devido à tua beleza, arruinaste a tua sabedoria, por causa do teu esplendor; precipitei-te em terra, e dei com isso um espectáculo aos reis. (Ez 28, 14-17)

<sup>10</sup> Celebrou-se, outrora, a festa litúrgica da Aparição de S. Miguel Arcanjo.

<sup>11</sup> O espírito do mal foi sempre muito activo no mundo. O séc. XIX foi tido, por "século de Satanás". Numa verdadeira batalha cósmica, a criação inteira é devastada pelas forças do mal, da qual a maioria nem se dá conta. O início da maciça investida satânica costuma ser situado no ano de 1884, partindo daquela visão aterradora do papa Leão XIII. O episódio, foi relatado pelo padre Domingo Pechenino, em *"Ephemerides Liturgicae"*, nº 69 (1955), pp. 58-59.

<sup>12</sup> Levem-te os anjos ao Paraíso... e te conduzam á cidade santa... O coro dos anjos te receba...

<sup>13</sup> E o porta-estandarte S. Miguel as conduza à luz santa...

mitologias orientais, adaptado à revelação do Deus único (monoteísmo), o AT representa, frequentemente, Deus, como um soberano oriental<sup>14</sup>. Os membros da sua corte são também seus servidores<sup>15</sup>, chamam-se ainda santos ou filhos de Deus<sup>16</sup>.

Dentre eles, os Querubins (cujo nome é de origem mesopotâmica) firmam seu trono<sup>17</sup>, tiram o seu carro<sup>18</sup>, servem-no de montada<sup>19</sup> ou guardam as entradas da sua propriedade para impedir os profanos<sup>20</sup>.

Os Serafins, seres incandescentes, cantam a sua glória<sup>21</sup> e um deles purifica os lábios de Isaías, numa visão<sup>22</sup>.

Encontram-se Querubins na iconografia do Templo que guardam com as asas a Arca<sup>23</sup>. Toda a milícia celeste<sup>24</sup> exalta deste modo a glória de Deus e está à sua disposição para governar o mundo e executar as suas ordens<sup>25</sup>, estabelece um laço entre céu e terra<sup>26</sup>.

Entretanto, ao lado destes enigmáticos mensageiros, os antigos relatos bíblicos conhecem também um Anjo do Senhor<sup>27</sup> que não difere do próprio Javé assim manifestado em forma visível<sup>28</sup>. Habitando uma luz inacessível<sup>29</sup>, Deus não pode deixar ver a sua face<sup>30</sup>. Os

---

<sup>14</sup> Eu, vi o Senhor sentado no seu trono e todo o exército dos céus ao redor dele, à direita e à esquerda (1 R 22, 19). No ano da morte do rei Ozias, eu vi o Senhor sentado num trono muito elevado; as franjas de seu manto enchiam o templo. Os serafins se mantinham junto dele. Cada um deles tinha seis asas; com um par (de asas) velavam a face; com outro cobriam os pés; e, com o terceiro, voavam. Suas vozes se revezavam e diziam: Santo, santo, santo é o Senhor Deus do universo! A terra inteira proclama a sua glória! (Is 6, 1-3)

<sup>15</sup> Ele não confia nem em seus próprios servos; até mesmo em seus anjos encontra defeitos (Jb 4, 18). Nem mesmo de seus santos Deus se fia, e os céus não são puros a seus olhos (Jb 15, 15). Senhor, os céus celebram as vossas maravilhosas obras, e na assembleia dos anjos a vossa fidelidade. Quem poderá, nas nuvens, igualar-se a Deus? Quem é semelhante ao Senhor entre os filhos de Deus? (Sl 88, 6-7) Nas visões de meu espírito, quando no meu leito, vi (também) um santo vigilante que descia do céu (Dn 4,10).

<sup>16</sup> Quem poderá, nas nuvens, igualar-se a Deus? Quem é semelhante ao Senhor entre os filhos de Deus? (Sl 88, 7) Quando o Altíssimo dividia os povos e dispersava os filhos dos homens, fixou limites aos povos, segundo o número dos filhos de Deus. (Dt 32, 8)

<sup>17</sup> Vós que assentais acima dos querubins, mostrai vosso esplendor em presença de Efraim, Benjamim e Manassés. Despertai vosso poder, e vinde salvar-nos (Sl 79, 3).

<sup>18</sup> Quando os querubins se deslocavam, as rodas se deslocavam com eles; quando desdobravam as asas para elevar-se da terra, as rodas não se desprendiam deles (Ez 10, 16).

<sup>19</sup> Cavalgou sobre um querubim e voou, planando nas asas do vento (Sl 17, 11).

<sup>20</sup> E expulsou-o; e colocou ao oriente do jardim do Éden querubins armados de uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 3, 24).

<sup>21</sup> Suas vozes se revezavam e diziam: Santo, santo, santo é o Senhor Deus do universo! A terra inteira proclama a sua glória! (Is 6, 3).

<sup>22</sup> Aplicou-a na minha boca e disse: Tendo esta brasa tocado teus lábios, teu pecado foi tirado, e tua falta, apagada (Is 6,7).

<sup>23</sup> Fez no santuário dois querubins de pau de oliveira, que tinham dez côvados de altura (1 R 6, 23 ss). Farás dois querubins de ouro; e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro de outro (Ex 25, 18 ss).

<sup>24</sup> Eu, vi o Senhor sentado no seu trono e todo o exército dos céus ao redor dele, à direita e à esquerda (1 R 22, 19). Louvai-o, todos os seus anjos. Louvai-o, todos os seus exércitos (Sl 148, 2). Sois vós, Senhor, vós somente, que fizestes o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo o que ela contém, o mar e tudo o que nele se encerra; sois vós quem dais a vida a todos os seres, e o exército dos céus vos adora (Ne 9, 6).

<sup>25</sup> Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valentes heróis que cumpris suas ordens, sempre dóceis à sua palavra (Sl 102, 20).

<sup>26</sup> E teve um sonho: via uma escada, que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu; e anjos de Deus subiam e desciam pela escada (Gn 28, 12).

<sup>27</sup> O anjo do Senhor, encontrando-a no deserto junto de uma fonte que está no caminho de Sur (Gn 16, 7). O anjo do Senhor, porém, gritou-lhe do céu: “Abraão! Abraão!” “Eis-me aqui!” (Gn 22, 11). O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama (que saía) do meio a uma sarça. Moisés olhava: a sarça ardia, mas não se consumia (Ex 3, 2). O anjo do Senhor subiu de Gálgala a Boquim e disse: Eu vos fiz subir do Egito e vos conduzi a esta terra que eu tinha prometido com juramento a vossos pais. E vos tinha dito: jamais hei de romper a aliança que fiz convosco (Jz 2, 1).

<sup>28</sup> Agar deu ao Senhor, que lhe tinha falado, o nome: Vós sois El-roí, “porque, dizia ela, não vi eu aqui mesmo o Deus que me via?” (Gn 16, 13). O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama (que saía) do meio a uma sarça. Moisés olhava: a sarça ardia, mas não se consumia (Ex 3,2).

<sup>29</sup> O único que possui a imortalidade e habita em luz inacessível, a quem nenhum homem viu, nem pode ver. A ele, honra e poder eterno! Ámen (1 Tm 6, 16).

homens não O apercebem além de um misterioso reflexo. O Anjo de Javé dos antigos textos serve para traduzir uma teologia ainda arcaica que, pela denominação de anjo do Senhor, deixa traços no próprio NT<sup>31</sup> e mesmo na patrística. Entretanto, à medida que a revelação progride, o seu papel é cada vez mais devolvido aos Anjos, mensageiros ordinários de Deus.

No novo Testamento, recorrendo à linguagem tradicional<sup>32</sup>, recebida dos livros santos e da tradição judaica da época, a orientação caminha para o acontecimento novo preparado e centrado em Jesus<sup>33</sup>. O mundo angélico pertence à linguagem de Jesus<sup>34</sup>, reorganiza-se em torno de Si e submete-se a Ele. Jesus refere-se aos anjos como seres reais e activos<sup>35</sup>.

Vocabulaire de Théologie Biblique, Cerf 1966

## REPRESENTAÇÃO E ATRIBUTOS

Porventura, com base numa antiga tradição pagã que referia que um defunto viria buscar sempre o defunto seguinte e que, por isso, este precisava de protecção, para que aquele o não levasse consigo, desde tempos remotos é comum a representação de S. Miguel com a balança da «pesagem» das almas, separando as boas das más. Tal atribuição judicial do Arcanjo está certamente associada a uma breve passagem da Carta de S. Judas, que apresenta Miguel, o arcanjo, discutindo com o diabo e disputando-lhe o corpo de Moisés (cit. acima).

Os principais atributos de S. Miguel são a balança e a espada de chefe da milícia celeste. É representado, com asas (atributo de anjo, ser espiritual), como um majestoso jovem guerreiro, de túnica curta e armadura sobre o busto. A iconografia bizantina apresenta-o como um dignitário da corte. O diabo é muitas vezes apresentado em cena, sob a forma mitológica tradicional ou de um dragão lançado por terra e dominado pelo pé do Arcanjo.

É também padroeiro de mestres de armas, esgrimistas, policiais, comerciantes, merceiros, droguistas, farmacêuticos, fabricantes de balanças, etc. Invocado para uma boa morte.

Les Saints – Repères iconographiques, Guide des arts, Hazan 2003

S. Gabriel é representado com asas e apresenta-se como jovem figura (andrógeno), com um lírio na mão e diadema, na cabeça.

S. Rafael é representado com grandes asas e apresentado como peregrino que acompanha um adolescente ou jovem. Por vezes, traz um peixe na mão.

<sup>30</sup> Mas, acrescentou o Senhor, não poderás ver a minha face, pois o homem não me poderia ver e continuar a viver (Ex 33, 20).

<sup>31</sup> Enquanto assim pensava, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo... Despertando, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu em sua casa sua esposa (Mt 1, 20. 24). Depois de sua partida, um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito; fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar... Com a morte de Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egito (Mt 2, 13. 19)

<sup>32</sup> Quando for dado o sinal, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, o mesmo Senhor descerá do céu e os que morreram em Cristo ressurgirão primeiro (1 Ts 4, 16). Ora, quando o arcanjo Miguel discutia com o demónio e lhe disputava o corpo de Moisés, não ousou fulminar contra ele uma sentença de execração, mas disse somente: Que o próprio Senhor te repreenda! (Jd 1, 9). Em cima da arca, os querubins da glória estendendo a sombra de suas asas sobre o propiciatório (He, 9, 5). Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades: tudo foi criado por ele e para ele (Cl 1, 16). Acima de todo principado, potestade, virtude, dominação e de todo nome que possa haver neste mundo como no futuro (Ef 1, 21).

<sup>33</sup> Em seguida, o demónio o deixou, e os anjos aproximaram-se dele para servi-lo (Mt 4, 11). Apareceu-lhe então um anjo do céu para confortá-lo (Lc 22, 43).

<sup>34</sup> Mas Aquele que, por pouco tempo, fora colocado abaixo dos anjos – Jesus -, O vemos, por sua Paixão e morte, coroado de glória e de honra. Assim, pela graça de Deus, a sua morte aproveita a todos os homens (He 2, 9). E novamente, ao introduzir o seu Primogénito na terra, diz: Todos os anjos de Deus o adorem (He 1, 6).

<sup>35</sup> Na ressurreição, os homens não terão mulheres nem as mulheres, maridos; mas serão como os anjos de Deus no céu (Mt 22, 30). Quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céu, mas somente o Pai (Mt 24, 36). Digo-vos que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrependa (Lc 15, 10). Quando o Filho do Homem voltar na sua glória e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso (Mt 25, 31).

### Principais representações:

**Mestre de Castelsardo:** Retábulo de Tuili, 1498-1500

**Jaume Huguet:** Barcelona, Museu nacional de Arte da Catalunha, 1456.

**Anónimo:** Moscovo, Galeria Tretiakov, 1299

**Frans Floris de Vriendt:** Anvers Koninklijk Museum voor Schone Kunsten, 1544.

**Rogier Van der Weyden:** Políptico do Juízo final, Beaune, Hotel-Dieu, 1445-1450

A Festa do glorioso Arcanjo e Príncipe da Igreja, S. Miguel, que a Santa Igreja celebra a vinte e nove de Setembro, tem em vista dar graças a Deus, pelo grande dom que Deus fez à sua Igreja, ao dar-lhe por patrono e defensor S. Miguel e por ele próprio lhe ter mostrado que quer que o honremos e reverenciemos.

Mas outro foi o motivo de celebrar conjuntamente a memória de todos os Santos Anjos: reverenciá-los, honrá-los e dar graças ao Senhor que os criou tão excelentes, para Sua glória e proveito nosso. E, ao mesmo tempo, suplicar-lhes que nos ajudem, amparem e defendam, em nossa peregrinação neste mundo, reconhecendo não apenas o muito que lhes devemos pela sua perfeição e dignidade da sua natureza, mas também pelo bem que continuamente nos fazem.

Depois de ter recebido o baptismo de João, Jesus penetrou naquela solidão levado pelo próprio Espírito Santo que, sobre Ele, havia pousado, consagrando-o revelando-o como Filho de Deus. No deserto, lugar da provação, como mostra a experiência do povo de Israel, mostra-se, com viva dramaticidade, a realidade da *kenosis*, do esvaziamento de Cristo, que se despojou da forma de Deus (cf. Flp 2, 6-7). Ele, que não pecou e não pode pecar, submete-se à prova e por isso pode combater nossa doença (cf. Hb 4, 15). Deixa-se tentar por Satanás, o adversário, que desde o princípio se opôs ao desígnio salvífico de Deus em favor dos homens.

Na brevidade do relato, frente a essa figura escura e tenebrosa que se atreve a tentar o Senhor, aparecem os anjos, figuras luminosas e misteriosas.

Os anjos – diz o Evangelho –, «serviam» Jesus (Mc 1, 13) – são o contraponto de Satanás. «Anjo» quer dizer «enviado». Em todo o Antigo Testamento, encontramos estas figuras que, em nome de Deus, ajudam e guiam os homens. Basta recordar o livro de Tobias, no qual aparece a figura do anjo Rafael, que o ajuda em tantas vicissitudes.

A presença protectora do anjo do Senhor acompanha o povo de Israel em todas as suas circunstâncias boas e más.

No limiar do Novo Testamento, Gabriel foi enviado a anunciar a Zacarias e a Maria os alegres acontecimentos que estão no começo da nossa salvação; e um anjo, cujo nome não se diz, adverte José, orientando-o naquele momento de insegurança.

Um coro de anjos trouxe aos pastores a boa notícia do nascimento do Salvador, como também foram os anjos que anunciaram às mulheres a notícia gozosa da sua ressurreição. No final dos tempos, os anjos acompanharão Jesus em sua vinda na glória (cf. Mt 25, 31). Os anjos servem Jesus, que é certamente superior a eles, e esta dignidade sua é aqui, no Evangelho, proclamada de forma clara, ainda que discreta. De facto, ainda na situação de extrema pobreza e humildade, quando é tentado por Satan, Ele continua a ser o Filho de Deus, o Messias, o Senhor.

Irmãos e irmãs, eliminaríamos uma parte do Evangelho se deixássemos fora esses seres enviados por Deus, que anunciaram sua presença entre nós e que são um sinal dela. Invoquemos os anjos frequentemente, para que nos sustentem no empenho de seguir Jesus até nos identificarmos com Ele.

**ANJOS, SINAL DA PRESENÇA DE DEUS / BENTO XVI 1 / 3 / 2009**

Alguns e, entre os Judeus, os Saduceus (como refere S. Lucas nos Actos dos Apóstolos) não acreditando, a não ser pelos sentidos, afirmam não haver anjos. Nós, pela Fé Católica, estamos seguros de que há anjos e que Deus os criou e se serve deles, como seus ministros no céu e na terra. E de tal verdade está cheia a Sagrada Escritura.

Foi tão conveniente que, neste teatro do mundo, Deus criasse tanta variedade de criaturas corporais e ao mesmo tempo, no céu, uma criatura imaterial, espiritual, incorpórea, invisível e incorruptível, os Anjos. Por serem em sua substância mais nobre e mais perfeita que todas as outras criaturas, melhor se mostra a bondade e a onipotência do Senhor que os criou.

Por estas duas razões os devemos honrar e venerar: por sua grande excelência e pelos benefícios que, por meio deles, continuamente recebemos do Senhor.

A Divina Bondade quis, em diversos lugares e tempos, fazer coisas admiráveis, por intercessão e ministério deste bem-aventurado Príncipe da Igreja, para que todos os fiéis reconhecendo que estão sob a sua protecção, lhe sejam devotos, o procurem em seus trabalhos e necessidades. Foram-nos relatadas várias aparições de S. Miguel Arcanjo e muitas igrejas lhe

foram consagradas, tanto no Oriente, como no Ocidente. Em Roma, o Papa Bonifácio edificou uma Igreja em honra de S. Miguel Arcanjo no mais alto daquela edificação que, então, se chamava *Moles Adriani* e hoje Castelo de Santo Anjo (Castello de Sant'Angelo). Uma outra se edificou próximo de Pescara e outra no Vaticano, pelo Papa Leão IV, pela vitória sobre os Sarracenos.

Crepanio Floro, antigo poeta, refere uma mais antiga aparição de S. Miguel, acontecida em Roma. De outras, em França, refere Sigiberto. E Sozomeno e Nicéforo uma muito notável, próxima de Constantinopla, onde Deus realizou grandes prodígios.

Os Gregos festejam outra aparição célebre. No tempo do Imperador Diocleciano houve na Bitínia uma Igreja de S. Miguel. E o imperador Justiniano, como refere Procopio, dedicou-lhe seis outras, para que em toda a parte, se sentisse o seu patrocínio, e recebessem, por seu intermédio, muitos e contínuos benefícios.

Contudo, a mais ilustre de todas deu-se no Monte Gargano, outrora referido por Virgílio e Lucano, chamado também monte de Sant'Angelo, na província de Puglia, do Reino de Nápoles, próximo da Cidade de Siponto (agora com o nome de Manfredonia).

Consta que no tempo do Papa Gelasio I, desde o ano de 492, um homem rico, também chamado Gargano, possuindo muitas manadas de gado de grande porte, de uma delas, se tresmalhou um touro. Durante vários dias foi procurado. Ao encontra-lo, dispararam uma flecha que, a meia distância, voltando para trás, atingiu e feriu quem a tinha disparado. Os presentes ficaram perturbados e, temendo que ali houvesse qualquer segredo e mistério oculto, foram ter com o bispo Sipontino, à procura de alguma explicação. O Bispo ordenou que jejuassem e fizessem oração durante três dias, a fim de invocarem a graça do Senhor. No fim desses dias, apareceu S. Miguel e explicou que aquele lugar onde o touro se recolhera, estava sob a sua protecção e que era vontade de Deus que, naquela cova se edificasse uma igreja em sua honra e em honra de todos os anjos. O Bispo, acompanhado por todo o povo e clero foi à dita cova e achou-a acomodada para igreja. Celebrou nela os santos Ofícios e consagrou-a a S. Miguel. E, pelos muitos milagres que nesse lugar houve, demonstrou-se que Ihe era agradável que aí fosse reverenciado. Por este motivo, tornou-se um santuário de grande afluência e devoção.

S. Romualdo, fundador da Ordem dos Camaldulenses, ordenou ao imperador Otão (certamente, o III / 980-1002) que fosse, em peregrinação de penitência, a pé e descalço, de Roma ao Monte Gargano, a essa igreja de S. Miguel, por ter consentido ou mandado matar Crescêncio, homem notável, tendo-lhe prometido que não o mataria. Tal penitência se fez, como escreveu o Cardeal e autor ilustre daquele tempo, S. Pedro Damiano (1007-1072). Essa igreja de S. Miguel foi sempre objecto de veneração pelos fiéis cristãos que, com frequência, aí acorriam em peregrinação.

Embora seja verdade que homem e anjo são criaturas de Deus e projecto de um mesmo Artífice soberano e criados à imagem de Deus, com memória, entendimento e vontade, capazes da Sua graça e participantes da Sua glória e bem-aventurança, por estes e outros aspectos, o homem pode igualar-se com o anjo. Além disso, considerando a união (hipostática) do Verbo eterno com a natureza humana, e Aquele homem-Deus sentado à direita do Pai eterno e sua bem-aventurada Mãe, a Virgem Maria, nossa Senhora, louvada e exaltada sobre todos os Coros dos anjos, poderemos afirmar também com verdade que, neste aspecto, a natureza humana está acima dos anjos.

Mas, olhando bem a natureza do anjo e do homem, não há dúvida de que o anjo possui enormes excelências que o homem deve reconhecer e, por elas, louvar o Senhor que Ihas deu. Como o chumbo por mais fino que seja não pode chegar à perfeição da prata, nem a prata à do ouro, assim um corpo, por nobre e excelente que seja, não pode chegar à excelência que tem qualquer espírito, nem a alma do homem à dignidade do mais pequeno anjo do céu, olhando a natureza de cada um.

Como o Senhor disse e segundo a interpretação de alguns doutores, entre os nascidos de mulher não houve nenhum maior que S. João Baptista, mas o menor no Reino dos céus era maior que ele. Que diremos, pois, das excelências dos anjos? Se olharmos os seus começos, parece que o Senhor ou os criou antes de todas as outras criaturas (como muitos santos doutores defendem) ou pelo menos (e é o mais certo) com as primeiras de todas. E se considerarmos a vida e a duração que têm? São incorruptíveis e imortais. Ou o modo e condição da sua natureza? Não têm corpo, por isso não estão sujeitos à fatalidade da morte, do frio e do calor, da fome e da sede, do cansaço e da enfermidade, nem de outras misérias. E se advertimos na agilidade e prontidão com que operam? Não há celeridade na terra, nem nos corpos celestes que se possa comparar com a dos anjos. E, então, que se dirá daquela capacidade e excelência do entendimento angélico que compreende permanentemente e sem discurso e, a partir do momento em que foi criado, tem perfeita e consumada ciência de todas as coisas que naturalmente se podem saber? E da constância e eficácia da sua vontade, pela qual tão intensamente desejam o que querem de modo que

nunca se afastam do que, uma vez por todas, escolheram? E da firmeza da sua memória que jamais esquece o que por uma vez percebeu? E seu poder, tão grande, que um só anjo matou, numa noite, cento e oitenta e cinco mil homens do Exército Assírio (cfr. 2 Reis, 19, 35<sup>36</sup>)? E além disso, um anjo, sem qualquer trabalho e com uma admirável facilidade, move o primeiro céu, em comparação do qual esta máquina que é a terra e a água, mais não é que um ponto e fá-lo há tantos milhares de anos, continuamente com tanta uniformidade e harmonia de movimento? Pois o número destes soldados e bem-aventurados ministros do Senhor, quem poderá com acerto explicar? Daniel, falando da multidão dos anjos, diz: Milhares de milhares, ministram a Deus e dez vezes centenas de milhares o assistem (cfr. Dan. 7, 9-10b<sup>37</sup>). E S. Dinis (Pseudo-Dionísio ou Dionísio, o Areopagita), diz: Que o número dos anjos excede e é maior que o número de todas as coisas corporais e materiais. Porque Deus, nosso Senhor, nesta formosíssima e admirável máquina do universo, pretende principalmente a perfeição e o seu poder não está limitado, mas é infinito e imenso, com tanto maior esplendor e abundância criou as coisas quanto mais perfeitas em si são. E assim vemos que todas estas coisas baixas e caducas que estão debaixo da Lua, são como um ponto, em comparação com o céu que são corpos perfeitos e nobres. E, no próprio céu, o mais alto e superior excede muito o inferior e o supremo a todos os outros. E, por isso, algumas estrelas do firmamento que à nossa vista nos parecem tão pequenas, são muito maiores que todo o globo, composto por todas as coisas inferiores, esta mesma proporção existe nas coisas espirituais e naqueles supremos espíritos relativamente às coisas corporais que excedem, não em quantidade contínua, mas em número e quantidade discreta.

E vê-se que assim é, porque se cada um dos homens, desde o primeiro Adão até ao último que haverá no mundo (excepto Cristo, nosso Senhor que, por ser Deus e enquanto homem, Supremo, Senhor e Rei de todos os anjos, não precisou de anjo que o guardasse) tem o seu anjo de guarda, atribuído para a sua defesa, como nos ensina a santa Igreja. E nisto não há distinção de bom ou mau, fiel ou infiel (porque todos, enquanto homens, participamos deste benefício). Então, necessariamente, reconhecemos que são mais os anjos do último coro (os que se destinam e guardam os homens) que todos os homens que houve e haverá até ao fim do mundo. E qual será o número dos outros coros? Pois que pela consideração que apresentamos, tanto maior será o número, quanto mais alta é a sua ordem e maior a sua perfeição. E, por isso, alguns dizem que é mais fácil contar as estrelas do céu, as gotas do mar, as folhas das árvores, as ervas da terra e os átomos do sol que compreender a multidão dos anjos que embora para o Senhor é finita e estabelecida, para nós parece infinita. E, por isso, disse Job: *Numquid est numerus militum ejus?* Poder-se-á contar o seu número dos seus soldados (Job 25, 3<sup>38</sup>)? O qual nos mostra a gloriosa e soberana majestade do Senhor que os criou e se serve deles, como seus criados e soldados.

Pois que a grande honra do rei consiste em ter muitos nobres e poderosos ministros e uma companhia lúcida de criados que o acompanhem e sirvam. *A dignidade e majestade do rei conhecem-se pela multidão dos seus ministros; e ter poucos vassallos é uma afronta ao Príncipe.* Mas coisa maravilhosa que sendo tantos os anjos, nenhum deles se confunde em espécie com todos os outros, conforme afirma S. Tomás. Do mesmo modo como seria coisa tão formosa e maravilhosa, num campo ou prado cheio de infinitas flores que não houvesse duas que fossem da mesma espécie, mas que cada flor fosse da sua e dissemelhante de todas as outras. Assim (segundo este parecer) naquele campo copiosíssimo e abundantíssimo do céu, onde há inumeráveis anjos, que como flores formosíssimas e suavíssimas que o aformoseiam e vestem, não há dois deles que se moldem numa mesma espécie. E assim se pode avaliar como será a excelência e perfeição do Anjo supremo, pois que é tão grande a do ínfimo e menor de todos.

---

<sup>36</sup> Ora, nessa mesma noite, o anjo do Senhor apareceu no campo dos assírios e feriu cento e oitenta e cinco mil homens. No dia seguinte pela manhã só havia cadáveres.

<sup>37</sup> Continuei a olhar, até o momento em que foram colocados os tronos e um ancião chegou e se sentou. Brancas como a neve eram suas vestes, e tal como a pura lã era sua cabeleira; seu trono era feito de chamas, com rodas de fogo ardente. Saído de diante dele, corria um rio de fogo. **Milhares e milhares o serviam, dezenas de milhares o assistiam!** O tribunal deu audiência e os livros foram abertos.

<sup>38</sup> Podem ser contadas as suas legiões? Sobre quem não se levanta a sua luz?

Também se há-de considerar que sendo incontável o número dos anjos, não estão, por tal causa, confundidos ou desordenados, mas numa admirável ordem e harmonia<sup>39</sup>, agrupados em três hierarquias: suprema, média e ínfima. E, cada hierarquia, em três coros ou ordens. Assim, **há nove coros de anjos**, repartidos por três hierarquias, deste modo:

Na **suprema** hierarquia, há os Serafins, Querubins e Tronos.

Na **média**, Dominações, Virtudes e Potestades, (ou Principados).

E na **ínfima**: Principados (Potestades), Arcanjos e Anjos.

Os Serafins excedem os mais no fervor da caridade, os Querubins na plenitude da Ciência, os Tronos, em ver a Deus e, com mais perfeição, a razão das suas divinas obras.

Porque este nome de Anjo se dá a todos aqueles espíritos bem-aventurados, especialmente se atribui ao Coro ínfimo. Porque anjo quer dizer núncio (correio) e não se trata de nome de natureza, mas de ofício. E porque o ofício dos espíritos inferiores é anunciar e ser embaixadores da vontade de Deus, por isso se chamam anjos, tomando por próprio o nome que é comum a todos.

É verdade o que o apóstolo S. Paulo diz: que todos os soberanos espíritos são ministros do Senhor, enviados para bem dos que herdarão a salvação e a bem-aventurança eterna<sup>40</sup>. Tais palavras do apóstolo, S. Dinis, seu discípulo, S. Gregório, S. João Damasceno e S. Tomás as interpretam de maneira que se entenda que os Coros da primeira hierarquia não são enviados aos homens, mas aos anjos da segunda hierarquia e os da segunda aos da terceira. Mas S. Gregório Nazianzeno, S. Cirilo, S. Crisóstomo, Sto. Agostinho e outros doutores eclesiásticos são de opinião que, embora seja verdade, que habitualmente os anjos superiores não são enviados aos assuntos humanos (porque isso é próprio dos anjos da ínfima hierarquia), contudo em alguns assuntos mais importantes, algumas vezes vêm para nosso bem e não lhes falta humildade, caridade, nem têm porque se lamentar, pois viram o Filho de Deus e seu Rei, humilhado e feito homem por nós. E dizem que foi um Serafim que purificou os lábios de Isaías e os Querubins foram enviados a Ezequiel e S. Rafael a Tobias e o Arcanjo S. Gabriel foi o embaixador do Pai eterno à Virgem Maria, nossa Senhora e S. Miguel, como príncipe da Igreja, foi enviado, muitas vezes, para seu amparo e defesa.

A segunda hierarquia, iluminada, purificada e aperfeiçoada pela primeira, ilumina, purifica e aperfeiçoa a terceira. Assim as três hierarquias se distinguem, pois a primeira recebe imediatamente de Deus todos estes divinos dons e os comunica à segunda hierarquia; a segunda havendo-os recebido mediatamente do Senhor, por meio da primeira, os difunde à terceira. Assim a primeira ilumina e não é iluminada, a segunda é iluminada e ilumina, a terceira não ilumina e é iluminada.

E isto faz-se, para nós, por modo oculto e inefável, comunicando entre si e transmitindo conceitos, falando aquela língua que S. Paulo chama língua de Anjos que é tal que para a explicar bem seria necessário ter língua de anjos<sup>41</sup>.

E apesar de serem tantas e tão sublimes as excelências e os dons naturais dos anjos e, por isso, os devamos honrar com particular afecto e devoção, contudo muito mais honra lhes é devida pelas graças sobrenaturais que com tanta largueza o Senhor repartiu com eles. Porque se olharmos bem, diremos que todos os anjos estão revestidos da graça e da inocência e jamais a perderão e se verão despojados dela, nem a mancharão com qualquer culpa. Antes, conservaram-na perpetuamente em que foram criados, sem nunca a perderem. E, tendo, tão

---

<sup>39</sup> Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades: tudo foi criado por ele e para ele (Col. 1, 16).

<sup>40</sup> Não são todos os anjos espíritos ao serviço de Deus, que lhes confia missões para o bem daqueles que devem herdar a salvação? (He 1, 5-6. 13-14)

<sup>41</sup> Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos! Quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi o seu conselheiro? Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído? Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória por toda a eternidade! Ámen. (Rm 11, 33-36)

grande abundância e excelência de dons naturais e sobrenaturais, o que é mais admirável é a profundíssima humildade e indizível reverência com que assistem, ministram e servem o Senhor, como se exprime Job: *Coram eo incurvantur, qui portant orbem et columnae caeli pavent in conspectu ejus*: os que movem o céu se dobram e se prostram diante dele (do Senhor) e pela sua adoração vibram as colunas do céu. E estão tão entregues, tão ordenados e prontos para executar com suma inteligência e eficácia o que Deus lhes manda, que acerca deles diz o Profeta-Rei David estas palavras: *Bendizei ao Senhor todos os seus anjos, valentes heróis que cumpris suas ordens, sempre dóceis à sua palavra. Bendizei ao Senhor todos os seus exércitos, ministros que executais sua vontade*<sup>42</sup>.

E isto é de tal modo que não há coisa tão baixa e humilde que os santos anjos não abracem e cumpram com máxima vontade, para obedecer ao Senhor e favorecer os homens. **Esta é a primeira causa** por que os devemos louvar, honrar e reverenciar, contemplando a natureza excelente daqueles celestes espíritos e cortesãos do palácio do Senhor.

### **Os graus e ordens dos Anjos segundo S. Tomás de Aquino**

Porque toda operação da substância inteligente, enquanto tal, procede da inteligência, convém que, de acordo com os diversos modos de inteligência, se encontre, nas substâncias inteligentes, diversidade de operação, de superioridade e de ordem.

Quanto mais sublime e mais digna a inteligência, tanto mais se pode considerar em causa mais alta e universal as razões do efeito. Foi, com propriedade, que se disse que a inteligência superior possui espécies inteligíveis mais universais.

— O primeiro modo de conhecimento conveniente às criaturas inteligentes consiste em participar na primeira causa, quer dizer, em Deus, das razões dos efeitos, e, conseqüentemente, das suas operações, já que por elas Deus produz os efeitos inferiores. Pertence esse modo à primeira hierarquia, que se divide em três ordens, de acordo com os três elementos que se consideram em qualquer arte operativa: a primeira é o fim, do qual se tiram as razões das obras; a segunda é a razão das obras existente na mente do artista; a terceira, são as aplicações das obras aos efeitos.

É próprio da primeira ordem conhecer os efeitos no próprio sumo bem, enquanto este é o fim último das coisas. Donde, devido ao ardor do amor, os espíritos que a constituem serem chamados de *serafins*, pois estão como que ardentes e incandescentes de amor, cujo objecto é o bem.

É próprio dos espíritos da segunda ordem contemplarem os efeitos divinos nas próprias razões inteligíveis enquanto estão em Deus. Devido à plenitude de ciência que possuem, são chamados de *querubins*.

É próprio dos espíritos da terceira ordem considerarem, em Deus mesmo, como as criaturas participam das razões inteligíveis enquanto aplicadas aos efeitos: são chamados de *tronos*, pois têm a Deus como que neles sentado.

— O segundo modo de conhecimento intelectual consiste em considerar as razões dos efeitos enquanto contidos nas causas universais. É o modo próprio dos espíritos da segunda hierarquia. Esta divide-se em três ordens, de acordo com as três coisas que se encontram nas causas universais e que agem máxime pela inteligência.

Primeiro, preordenar as acções, razão pela qual, nas coisas artificiais, as artes supremas são preceptivas, isto é, as artes chamadas arquitectónicas. Por isso também os espíritos da primeira ordem desta hierarquia são chamados de *dominações*: com efeito, pertence ao senhor (Dominus) mandar e preordenar.

Segundo, o que se encontra a seguir, nas causas universais, como próprio, é movimentar uma coisa imediatamente, como que tendo um principado sobre a execução desse movimento. Por isso, a segunda ordem desta hierarquia é chamada de *principado*, conforme S. Gregório, ou de *virtude*, conforme Dionísio, considerando os seus espíritos como virtudes, porque é próprio do virtuoso operar em primeiro lugar.

Terceiro, é próprio das causas universais remover aquilo que impede a execução das obras. Por isso os espíritos da terceira ordem desta hierarquia chamam-se *potestades*, pois têm como função afastar tudo o que possa impedir a execução do império divino. Diz-se, pois, que as Potestades afastam os demónios.

— O terceiro modo de conhecimento intelectual consiste em considerar as razões dos efeitos nos próprios efeitos. Pertence isso à terceira hierarquia. Essa liga-se imediatamente a nós, que chegamos a conhecer os efeitos, neles mesmos.

Possui ela, outrossim, três ordens, das quais a ínfima é chamada de *Anjos*, porque anunciam aos homens coisas sobre o governo deles, e, por isso, são também chamados de *guardas dos homens*.

Acima desta está a ordem dos *arcánjos*, pelos quais comunicam-se aos homens as coisas que estão acima da razão, quais sejam os mistérios da fé.

A suprema ordem, conforme Gregório, é chamada de *Virtudes*, porque operam nas coisas sobrenaturais para confirmar as verdades sobrenaturais que nos foram transmitidas. Cabe aos espíritos desta ordem fazer os

---

<sup>42</sup> SI 102, 20-21

milagres. Conforme Dionísio, porém, a ordem suprema desta hierarquia é chamada de *Principado*, para que saibamos que, como os príncipes, os espíritos desta ordem presidem cada povo.

Os Anjos são que dirigem cada pessoa; os Arcanjos, os que anunciam as coisas que pertencem à salvação de todos.

— Como a potência inferior age em virtude da superior, também a ordem inferior realiza o que pertence à superior enquanto age em virtude dela, pois o que é superior possui de modo mais excelente o que pertence ao inferior. Eis porque, de certo modo, tudo é comum a todas as ordens, mas elas recebem nomes apropriados conforme o que por natureza convém a cada uma. A ordem ínfima conserva para si o nome comum, pois como que age em virtude de todos.

Sendo próprio do superior actuar no inferior, e, por isso, pertence à acção intelectual a instrução e o ensino, os Anjos superiores, enquanto instruem os inferiores, os purgam, iluminam, e aperfeiçoam. Purgam-nos, com efeito, enquanto removem-lhes a nesciência; iluminam-nos, enquanto, pela sua luz, confortam a inteligência dos inferiores para que atinjam conhecimentos mais altos; aperfeiçoam-nos, enquanto os levam à perfeição da ciência superior. Conforme Dionísio, são essas as três coisas necessárias para aquisição de ciência.

— Tal actuação, porém, dos Anjos superiores, não impede que os inferiores tenham a visão de Deus, pois têm-na todos os Anjos. Apesar de que todos os espíritos beatificados vejam Deus em essência, um O vê mais perfeitamente que outro, como se pode concluir do que foi dito acima. Quanto mais uma causa é melhor conhecida, tanto maior número de seus efeitos são em si conhecidos. Por conseguinte, os Anjos superiores instruem os inferiores sobre os efeitos divinos que aqueles conhecem mais em Deus que estes, mas não nos instruem sobre a essência divina, que é vista imediatamente por todos.

#### **Summa Theologica de S. Tomas de Aquino**

**A segunda causa de honrar os anjos** é pelos benefícios que continuamente nos fazem, como ministros principais do Senhor. Pois que, embora Ele seja a fonte e o manancial, a raiz, origem e primeira causa de todos os bens de natureza e de graça que chegam até nós, os santos anjos são os canais e os aquedutos de que Deus se serve, como que de mão e instrumento por onde nos vem tudo o que é concedido no céu e na terra. Alguns destes benefícios são particulares e próprios de alguns homens, outros pertencem a todos e ao governo e conservação do universo. Pois, como dissemos, desde o seu nascimento, cada homem tem um anjo da guarda que o acompanha até à hora da sua morte e é como que seu mestre, aio, guia certo e seguro para o conduzir pelos caminhos seguros e aprazíveis da virtude e apartá-lo dos tropeços, maus passos e laços perigosos que lhe arma o demónio e defendê-lo e ampará-lo dos seus assaltos, ardis e intrigas. Isto o faz o santo anjo-custódio com suma vigilância e cuidado porque Deus o determina e por amor que, por amor de Deus, nos tem. Pois como diz sabiamente S. Bernardo, nos soberanos espíritos não se trata só de uma admirável dignidade, mas também de um amável favor. Quer dizer que pelo facto de serem tantos e tão sublimes esses espíritos celestes, não desdenham abaixar-se às coisas rasteiras e baixas, encarregando-se de ensinar e encaminhar uma coisa tão frágil como o homem, porque o Criador dos anjos e dos homens o determinou, a fim de glorificar deste modo o homem e colocar naquelas sedes vazias que, por sua culpa, perderam Lúcifer e seus sequazes.

Quem não se admira, ao ler as santas Escrituras, das coisas que nela se contam de os santos anjos terem agido em favor dos escolhidos de Deus? Quem não reconhece e se espanta daquela humildade com que o anjo S. Rafael se fez peregrino, como mensageiro a pé, para acompanhar, guiar e amparar Tobias, encarregar-se dos seus assuntos e defendê-lo do peixe que o queria tragar e dar-lhe por mulher uma tão boa companhia, como de facto aconteceu, e restituir ao pai a vista, que seus olhos, para exemplo de paciência para nós, tinham perdido. E quem não louvará o Senhor ao ler como um anjo lutou toda a noite com Jacob e não foi capaz de o vencer? E que outro veio do céu acordar e animar o profeta Elias e trazer-lhe de comer? E que outro transportou pelos cabelos o profeta Habacuc para a babilónia, a fim de dar de comer ao Profeta Daniel que estava na fossa dos leões? E como o mesmo Daniel disse, fechou as bocas dos leões famintos, para que não o despedaçassem e comessem? E outro, depois de S. Filipe, diácono, ter baptizado o etíope, eunuco de Candace, rainha da Etiópia, o levou pelos ares, até à cidade de Azoto? Finalmente, nada é tão baixo que aqueles altíssimos e soberanos espíritos não façam com singular prontidão e alegria para benefício dos homens, por ordem do Senhor. Porque, como diz S. Lourenço Justiniano (1381-1456), falando da guarda dos anjos: São eles que refreiam os demónios, para que não nos tentem tanto, como desejariam, e nos descobrem seus enganos, respondem aos seus falsos argumentos, se caímos, nos levantam e nos ensinam, quando estamos tíbios nos inflamam e como fiéis companheiros, estão sempre ao nosso lado e nos defendem. Quando dormimos e repousamos, quando andamos e trabalhamos, quando estamos ociosos, nunca nos deixam, nem desamparam. Alumiam o nosso entendimento, despertando-o e imprimindo nele os raios da luz divina, desfazendo as trevas, escuridão e sombras que o poderiam ofuscar. Quando damos esmola ou

oramos, levam as nossas orações e oferendas e as apresentam ao Senhor e nos trazem d'Ele a graça e os dons espirituais, alegrando-se com o nosso proveito e desfrutando com o nosso bem. São eles que movem os céus e com o seu ordenado movimento e influências são causa de toda a vida, variedade, distinção e beleza que há em todas as criaturas corporais: são Cabeças das províncias, Príncipes dos reinos, Conservadores das espécies de todas as coisas visíveis, Repartidores dos dons e Executores da vontade de Deus. Com efeito, nas santas Escrituras se chamam soldados de Deus, exército do Senhor, príncipes das províncias, presidentes dos povos, guardas e mestres dos homens, medianeiros e intercessores diante de Deus, reitores e governadores do mundo: se chamam luz, por sua grande claridade e subtileza, fogo e carvões acendidos, porque ardentíssimos e abrasados no amor, chamam-se estrelas da manhã, porque como as estrelas corpóreas embelezam o céu visível, eles mais excelentemente adornam o supremo e incorpóreo céu, chamam-se trono de Deus porque neles Deus se assenta e repousa, chamam-se pedras preciosas e acesas, porque com suas orações, admoestações e conselhos, acendem as nossas almas, para que desejem e busquem as coisas santas e preciosas do céu e desprezem as da terra, chamam-se sol porque iluminam o mundo, colunas do céu, porque o sustentam, carros de Deus, Cidadãos do Paraíso, e, finalmente, amigos e filhos de Deus. Por todos estes títulos devemos invocar todos os santos anjos, louvá-los e imitá-los e, com especial devoção o capitão de todos eles e príncipe da Igreja, S. Miguel, como diz o bem-aventurado Lourenço Justiniano.

Honremos no Senhor os nossos cidadãos e auxiliares fidelíssimos e capitães esforçados da nossa milícia, e pois nos ajudam, ajudemo-los nós para que melhor nos possam ajudar e não se perca o fruto do seu trabalho. Porque o gozo deles é a nossa fortaleza: ensinam-nos nas dúvidas, defendem-nos nos perigos, sustentam-nos nas adversidades, humilham-nos nas prosperidades, apresentam as nossas orações, trazem-nos a graça, acrescentam os nossos merecimentos, e exercitam sem se cansar, seus serviços para conosco. Portanto amemo-los como a nós mesmos e, quando a nossa fraqueza sofre, imitemo-los e reverenciemo-los com o coração.

E visto que devemos honrar todos os soldados do céu, mas particularmente o glorioso S. Miguel, como chefe e capitão de todos, reverenciemo-lo pela graça soberana, pela prerrogativa singular, pelo ofício que lhe foi destinado, pela fortaleza invencível, pela benevolência do Senhor que o criou e pela confiança com que serviu naquela renhida batalha que teve com o Dragão infernal e com todos os seus sequazes, porque com razão a santa Igreja o honra, porque reconhece que é seu particular e próprio defensor e permanente intercessor e príncipe da corte celeste que acolhe e recebe em seu seio, com grande caridade, todas as almas dos escolhidos do Senhor. Portanto, cada um de nós e todos juntos, reconheçamos o nosso protector e louvemo-lo amiúde com as nossas orações, abracemo-lo com os nossos desejos, inclinemo-nos com devoção diante dele para que nos ouça e alegremo-lo com a emenda da nossa vida. Não desprezará os que oram, nem desiludirá os que nele confiam, não se afastará dos que o amam, pois defende os humildes, anima os castos, abraça os inocentes, guarda a nossa vida, guia-nos no caminho e conduz-nos à nossa pátria, onde Jesus Cristo, nosso Senhor, verdadeiro Esposo da Igreja, reina com o Pai e com o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

**Flos sanctorum de Padre Pedro de Ribadeneyra, Tomo III, 1790  
MA**

Bibliografia usada e citada

Flos sanctorum de Padre Pedro de Ribadeneyra, Tomo III, 1790; Vocabulaire de Théologie biblique, Cerf 1966; Catecismo da Igreja Católica, outros opúsculos e documentos do Magistério; Summa Theologica de S. Tomas de Aquino; Les Saints – Repères iconographiques, Guide des arts, Hazan 2003, etc.